

COLEÇÃO DE REFERÊNCIA: FLORA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL NO HERBÁRIO PROF. DR. ALARICH R. H. SCHULTZ (HAS) – MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS (MCN/FZBR) – MAGNOLIOPHYTA/MAGNOLIOPSIDA.

Carine Emer^{1,2} e Maria de Lourdes Abruzzi Aragão de Oliveira¹ (orient.)

¹Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul,

²Universidade do Vale do Rio dos Sinos; carineemer@yahoo.com; delu@fzb.gov.rs.br.

Países megadiversos têm sofrido constantes ameaças à sua biodiversidade pelo uso histórico indiscriminado de seus recursos naturais, gerando uma preocupação crescente com a preservação, o conhecimento e o estabelecimento de estratégias para a conservação da flora e fauna nativas de cada região. O Código Estadual do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul prevê a elaboração e manutenção pelo Estado de um cadastro atualizado da flora silvestre, especialmente das espécies nativas ameaçadas de extinção. Da mesma forma, o Código Florestal Estadual, em seu artigo 3º, dispõe sobre a necessidade de identificação e monitoramento das associações vegetais relevantes, das espécies raras ou endêmicas e ameaçadas de extinção, objetivando sua proteção e perpetuação. Para tanto, está sendo organizada uma coleção de referência para sistematização e informatização dos dados relativos às espécies ameaçadas no Estado, depositadas no Herbário HAS. O material de referência está sendo inserido no banco de dados Specify, onde constam informações taxonômicas, geográficas e referentes à categoria de ameaça, fenologia, observações ecológicas e número de exemplares de cada espécie. A Lista Oficial Estadual da Flora Ameaçada de Extinção constitui-se de 113 famílias e 600 espécies de plantas vasculares, das quais as Magnoliophyta estão representadas por 97 famílias, 85 pertencentes à Classe Magnoliopsida, com 386 espécies; no HAS constata-se o registro de 188 dessas. A família Asteraceae apresenta o maior número de espécies (28) e Amaranthaceae o maior percentual de representantes em relação ao número de espécies na Lista (70%). O maior número de registros concentra-se na região dos Campos de Cima da Serra (45), seguindo-se a Depressão Central (42). A conclusão do projeto facilitará o acesso e a disponibilização de informações referentes a estas espécies e sua utilização pela comunidade científica e órgãos de gestão ambiental.

(Apoio: PROBIC/FAPERGS).